



GÊNERO, POLÍTICA E DESLOCAMENTOS: UMA LEITURA DA *VITA DOMINICI SILIENSIS*

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva¹

A *Vita Dominici Siliensis* (VDci), atuais livros I e II, 1-39,² foi escrita por um monge, identificado pelos pesquisadores como Grimaldo. Ele era um religioso de origem franca, que teria se estabelecido no Reino de Castela devido à crescente influência de Cluny no monacato ibérico no período. Esta foi a primeira *vita* redigida sobre Domingo Manso, que viveu entre 1000 e 1073, e foi, sucessivamente, sacerdote, eremita e monge. Após conflitos com o rei de Navarra, Garcia, exilou-se em Castela, onde atuou como abade reformador do Mosteiro de São Sebastião Silos.

A redação da VDci ocorreu entre 1088 e 1109, momento em que o Reino de Castela, estava sob a direção de Afonso VI, filho de Fernando I. Após o assassinato do rei navarro Sancho IV, filho do citado Garcia de Nájera, os castelhanos ocuparam a sede real de Nájera e controlaram La Rioja, Álava, Vizcaya.

A VDci foi escrita a pedido de Fortunio, sucessor de Domingo à frente da comunidade silense, como uma das iniciativas voltadas ao reconhecimento da santidade do novo patrono do monastério.³ Era fundamental, portanto, registrar uma memória sobre o Santo e conscientizar a comunidade de que o antigo abade era agora o protetor e mediador entre Deus e o grupo. Neste sentido, Grimaldo afirma, no prólogo, que compôs a obra para auxiliar na devoção ao Santo, ou seja, para que:

lo alabéis con mayor decisión, lo honréis con mayor seguridad, lo celebreis con mayor dignidad y le otorguéis la debida veneración con mayor devoción, de modo que, haciendo esto y con su patrocinio, vosotros y todos los que lo veneren con alegría lleguéis a los gozos eternos con él (VDci, prólogo, 110).

A obra foi dirigida prioritariamente aos monges do cenóbio e, em seguida, a todos os que desejassem escutar a narrativa (VDci, Prólogo, 103-110).⁴ Ou seja, além de objetivos religiosos, a

¹ UFRJ, CNPq e FAPERJ. E-mail: andreiafrazao_ufrj@pesquisador.cnpq.br. As reflexões aqui apresentadas configuram-se como conclusões parciais de duas pesquisas em desenvolvimento: *Hagiografia, sociedade e poder: um estudo comparado da produção visigótica e castelhana medieval*, pesquisa coletiva financiada pela Faperj, e *Monacato, poder e gênero: reflexões sobre o cenóbio de San Millán de la Cogolla em perspectiva diacrônica (1076-1109/ 1227-1265)*, investigação individual financiada pelo CNPq através de uma bolsa PQ.

² Esta obra, segundo Válcárcel, recebeu, ao longo do século XII, interpolações e ampliações. Cf. VÁLRCARCEL, Vitalino. (Ed.) *La Vita Dominici Siliensis de Grimaldo*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1982. p. 29-40.

³ Segundo Pérez Embid-Wamba, Afonso VI teria dedicado o cenóbio a Santo Domingo em 1076. Neste mesmo ano, seu corpo foi elevado ao altar da igreja monacal com a presença do bispo, procedimento adotado no período para o reconhecimento oficial da santidade de alguém. Cf. PÉREZ-EMBIW WAMBA, J. *Hagiología y sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)*. Huelva: Universidad de Huelva, 2002. p. 81.

⁴ O texto latino usa o verbo *audire*, o que reforça a idéia de uma divulgação oral desta obra para além da comunidade monástica.



obra também visava difundir o culto ao santo, estimulando peregrinações e doações e, por extensão, ampliar a influência da comunidade na região.

O texto foi composto em latim, em prosa, e originariamente estava dividido em dois livros.⁵ O primeiro narra toda a trajetória de vida de Domingo, desde sua genealogia até a trasladação de seus restos mortais para o altar da igreja abacial. O segundo apresenta os milagres realizados por intercessão do santo após a morte. Na obra abundam referências ou transcrições de textos bíblicos, da regra de São Bento, de obras patrísticas, de hagiografias e textos litúrgicos.⁶

A VDci foi transmitida por dois manuscritos medievais. O S, datado entre fins do século XIII e início do XIV, que se encontra na Biblioteca da Abadia de Silos, e o R, do século XV, da Real Academia Española. A primeira edição impressa completa da VDci foi elaborada por Sebastián Vergara, em 1736.⁷ Segundo Vitalino Valcárcel, tal edição possui valor paleográfico-interpretativo, já que contém traços particulares que a distinguem dos textos presentes nos manuscritos R e S.⁸

Neste texto vamos nos deter na análise do capítulo 5 do livro I, no qual é relatado o enfrentamento entre o monge Domingo e o rei Garcia de Nájera. Partindo da análise deste trecho, objetivamos discutir como os deslocamentos físicos do protagonista se articulam aos embates políticos e aos discursos de gênero. Na apresentação do capítulo, vamos seguir a organização de idéias dadas pelo autor, a fim de realçar suas digressões e seus desvios narrativos.

Após abordar, nos capítulos anteriores, diversos aspectos da biografia de Domingo - sua genealogia, o lugar de seu nascimento, sua infância, suas atividades como pastor de ovelhas, sua dedicação ao estudo, sua ordenação como sacerdote, sua experiência eremítica e o seu ingresso como monge no Mosteiro de San Millán – trata, no quinto, “De sua vida monástica y de su firmeza”.⁹ É importante destacar que, no século XI, o cenóbio emilianense, localizado em La Rioja,

⁵ Esta hipótese se fundamenta no fato de que estes livros se inciam com o um prólogo, o que não ocorre no livro III. Sobre o tema ver o já citado Valcárcel.

⁶ Segundo o editor da VDci, são citados textos de Adso de Dervensis, Ambrósio de Milão, Bráulio de Saragoça, Cassiano, Evágrio, Jerônimo, Sulpício Severo, Gregório Magno, Tertuliano, Leão Magno, Rufino de Aquiléia, Gregório de Tours, Widricus de Toul, além da obras anônimas Vidas dos Padres do Deserto (*Vitae Patrum*) e Vidas dos Padres Emeritenses (*Vitas Sanctorum Patrum Emeretensium*). Entre os textos litúrgicos, são citados o Missal Romano, o Sacramentário Leonino e a Liturgia Moçárabe. Também há uma referência a Salústio. Cf. VÁLRCARCEL, op. cit, p. 139-140 e 616-621. Segundo estudos feitos por Díaz y Díaz, Pérez Pastor, Muir Whitehall, dentre outros, tais obras eram encontradas nas bibliotecas monásticas das regiões centro-norte da Península Ibérica neste período.

⁷ Tamayo Salazar publicou o livro I em meados do século XVII.

⁸ Valcárcel também considera a edição de Tamayo como paleográfica-interpretativa. Cf. VÁLRCARCEL, op. cit, p. 25 e 27.

⁹ Na versão atual do texto, mesmo apresentando pequenas discrepâncias entre os diferentes manuscritos e edições paleográficas-interpretativas, os capítulos recebem títulos. O título latino do capítulo 5 é “De conversacione et constancia illius”.



era um grande senhorio, liderando a vida monástica e organizando, econômica e intelectualmente, as áreas ao seu redor.

O capítulo se inicia afirmando que Domingo, “después de tomar el hábito de monje y de confirmar la estabilidad de la profesión monástica (...) procurava com celo extraordinário progresar en las sagradas virtudes” (VDci I, 5, 3-4). Há aqui uma alusão ao capítulo 60 da Regra Beneditina (RB),¹⁰ que estabelece que um padre só poderia ser recebido na comunidade após persistir em seu pedido e mediante o cumprimento da regra e da estabilidade. Domingo, como já assinalado, fora ordenado sacerdote antes de ingressar na vida monástica. Assim, não é gratuito o fato de Grimaldo ressaltar, logo no início do capítulo, que ele teria se comprometido com a estabilidade monástica.¹¹

Outros aspectos da disciplina monástica são então ressaltados: a caridade, “la más excelsa de todas as virtudes” (VDci I, 5, 8-9); a humildade, “madre de todas las virtudes” (VDci I, 5, 30); a paciência, que o autor articula à idéia de domínio próprio, pois “si éste carece de aquella virtud no tiene el dominio de sí mismo” (VDci I, 5, 50-51) e, sobretudo, a obediência, “fundamento de toda perfección” (VDci I, 5, 55).

Grimaldo inicia então uma longa digressão, tratando dos modelos de obediência que foram imitados por Domingo. Primeiro, Abraão, que, sem pestanejar, entregou seu filho ao sacrifício; depois os santos padres e, por fim, Cristo. A partir da figura de Cristo, elabora uma espécie de hierarquia da obediência, destacando que mais meritório do que ser obediente é morrer pela obediência, e, mais ainda, se for uma morte humilhante, como a de Jesus na cruz entre ladrões. O autor acrescenta que a obediência é superior à oferta de sacrifícios, citando I Reis 15, 22-23.

Neste ponto, o relato sofre um desvio, em nossa opinião, proposital, para criticar aos que não cumprem com o que prometem, idéia que é seguida de uma condenação “a los herejes, cismáticos, apóstatas y acéfolos como rebeldes, mientras que nosotros nos declaramos pecadores” (VDci I, 5, 123-124). Esta associação entre heresia e rebeldia, em contraposição aos outros pecados, aparentemente está fora de lugar, mas é fundamental para a compreensão de como o texto descreve e legitima a trajetória de Domingo.

A narrativa retorna então ao monge, destacando que, como ele estava cheio da graça do Espírito Santo e perfeitamente instruído, “brilló en la obediencia y en la flor de las demás virtudes,

¹⁰ Este capítulo intitula-se De sacerdotibus qui forte voluerint in monasterio habitareque/ Dos sacerdotes que, porventura, quiserem habitar no mosteiro.

¹¹ Estabilidade monástica significa, na RB, a permanência do monge no cenóbio em que ele professou a vida religiosa. Cf. RB 4, 78; 58, 9 e 17; 60, 9. A RB condena os chamados monges giróvagos: “que por toda a sua vida se hospedam nas diferentes províncias, por três ou quatro dias nas celas de outros monges, sempre vagando e nunca estáveis, escravos das próprias vontades e das seduções da gula” (Cf. RB 1, 10-11).



con cuyo adorno apareció digno de imitación ante todos sus compañeros” (VDci I, 5, 145-146). Por causa deste brilho, conforme indica o relato, o abade¹² e a comunidade de San Millán resolvem testar a obediência de Domingo. Para tanto, ele é enviado para a Igreja de Santa Maria de Cañas, que estava subordinada ao cenóbio emilianense.

Ao chegar ao seu destino, segundo o texto, Domingo constatou que o local era carente até do mínimo para a sobrevivência. Assim, após afligir-se, mas recuperando-se pela “inspiración del Espíritu Santo” (VDci I, 5, 168), começou a trabalhar, com as próprias mãos, para sustentar a ele e aos seus companheiros. O narrador informa que, com este ato, Domingo “imitaba la perfección de los antiguos monjes” (VDci I, 5, 173-174), em mais uma referência à RB: “ Se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso, porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos” (RB 48, 7-8).

Santa Maria foi restaurada, atraindo muitas doações e conversões. Com este sucesso, segundo a narrativa, a fama de Domingo se propagou, chegando a San Millán. O abade, então, decidiu chamar o monge de volta, para recompensá-lo por seu trabalho e torná-lo um exemplo para os demais, no que foi prontamente obedecido. Ao retornar, foi eleito prior do cenóbio, ou seja, tornou-se o primeiro após o abade.

O relato passa então a sublinhar que, mesmo neste novo posto, Domingo continuava a agir com humildade, prudência e sobriedade. Além de suas tarefas como prepósito, dedicava-se às vigílias, orações, jejuns e outras boas obras. Ele amava a paz, era justo e buscava agir sem subjugar ou enganar ninguém, evitando as pessoas maliciosas. Era correto, não utilizando palavras de lisonja, adulação ou engano.

Neste ponto do capítulo entra em cena o diabo, que deseja atacar o prior, pois “veía que el monasterio había sido colocado bajo la perspicaz destreza de Santo Domingo y bajo la norma de la Regla” (VDci I, 5, 289-290). Anunciando o que irá em seguida apresentar de forma detalhada, o texto destaca que o diabo teria tentado, sem sucesso, utilizar várias armas contra o Santo, até que usou o “coração” do rei Garcia de Nájera, o que redundou na fuga do monge de San Millán. Aqui, o autor inicia uma nova digressão, discutindo o que diferenciaria a fuga de um pastor bom de um mau. Ele conclui sua argumentação afirmando que a fuga dos bons não compromete a salvação das ovelhas, mas a dos maus, que só pensam em si mesmos, deixa as ovelhas a mercê dos lobos. Esta reflexão tem como objetivo justificar a atitude de Domingo após o confronto com o rei.

¹² Em nenhum ponto do relato o nome do abade é indicado. Creio, também, que esta omissão é proposital, já que o mesmo, pelo julgamento do texto, não age com virtude cristã.



Segundo o relato, García exigiu que lhe fossem entregues bens que anteriormente foram doados ao cenóbio por ele e seus antecessores. Domingo, como prior e administrador do mosteiro, recusou-se a entregar tais bens, insistindo que, após terem sido entregues, não pertenciam mais ao monarca, mas ao “Rey celestial y a San Millán” (VDci I, 5, 358), e que esta exigência do soberano era “totalmente contrario al derecho eclesiástico” (VDci I, 5, 360).¹³

Ainda segundo o capítulo, Garcia se enfureceu e por três vezes ameaçou Domingo. Primeiro dizendo que iria furar seus olhos, depois que cortaria sua língua e, por fim, que o mataria. O prior manteve-se firme. O rei, juntamente com o abade, “herido ya, en el secreto de su corazón, por el mortífero dardo de la envidia” (VDci I, 5, 383-384), resolveu depor o santo de seu cargo e enviá-lo para o mosteiro de Las Tres Celdas. Ali, Domingo teria continuado a agir com as mesmas virtudes: humildade, obediência e trabalho.

Após seis meses, conforme aponta a narrativa, o diabo voltou a atacar o monge através do rei, que exigiu riquezas que Domingo argumentava não ter recebido. Ele, então, colocando-se sob a tutela de Deus, que o relato denomina como “Rey verdadero” (VDci I, 5, 415), desliga-se da comunidade de San Millán e dirige-se à Castela, chegando à corte de Fernando I. Este ato, segundo o narrador, foi fruto da providência divina, já que era necessário um reformador para o Mosteiro de Silos. O capítulo termina relacionando esta atitude do santo às de Paulo e Barnabé, que ao perceberem que os judeus não queriam a mensagem de Cristo, voltaram-se para os gentios.

O texto de Grimaldo busca reforçar a RB, que, neste momento, consolidava-se na Península Ibérica. Assim, sempre que possível, relaciona as virtudes e ações de Domingo com a referida regra. É significativo que um dos primeiros aspectos pontuados pelo capítulo seja a estabilidade monástica, que no decorrer da narrativa é rompida com quatro diferentes deslocamentos do monge, ocorridos em situações e por motivações diversas. Destas, três são impostas e só uma resulta de uma decisão pessoal.

A primeira ocorre quando Domingo é enviado para Santa Maria de Cañas, ocasião em que o abade decide testar sua obediência; a segunda, ao ter que retornar a San Millán, como recompensa pelos seus feitos e para servir de exemplo aos outros irmãos; a terceira, ao ser mandado para Las Tres Celdas, como punição por não ter entregue riquezas do cenóbio emilianense ao rei Garcia, e a última, quando o próprio Santo desvinculou-se da comunidade e exilou-se em Castela.

Linage Conde, em um artigo que discute a implantação da vida religiosa na região castelhanaleonesa, destaca que o caráter repovoador dos mosteiros ali instalados era incompatível

¹³ Não é explicitado no texto a que direito eclesiástico Domingo faz referência. Seriam normativas romanas ou uma menção aos cânones de sínodos e concílios realizados na Hispania no período?



com a estabilidade requerida pela RB, o que explicaria, inclusive, a sua expansão tardia na Hispania.¹⁴ Creio, entretanto, que os deslocamentos nesta narrativa estão relacionados à construção de identidades de gênero para os religiosos e aos conflitos políticos do período de redação da obra, mais do que ao papel de ocupação dos territórios recém conquistados.

A VDci, ao reforçar o cumprimento de aspectos da RB, na medida que apresenta a trajetória de Domingo, também aponta para as hierarquias e assimetrias entre os monges. Ao ingressar na vida monástica, o Santo, mesmo já tendo sido ordenado clérigo, ganhou um novo *status* religioso, econômico, social e jurídico, marcado pela perda de poder sobre si mesmo. Esta perda de poder o colocou numa situação de subordinação, de dependência e passividade face, primeiro, ao abade e, depois, ao rei, o que implicou, a despeito da estabilidade monástica exigida pela RB, em deslocamentos.

Como monge zeloso e seguidor da regra e das virtudes monásticas, Domingo é posicionado, mesmo ao assumir um cargo na hierarquia da abadia como prior, em uma relação assimétrica que, dentro dos padrões de uma sociedade em que o masculino é visto como o elemento ativo e detentor de poderes, “feminiliza-o”, independentemente de seu sexo biológico. Neste sentido, no texto reside um paradoxo. Quanto mais o Santo cumpre a regra, mais subordinado e passivo ele se torna. Assim, ele fica à mercê das ordens do abade, que o envia para uma igreja muito pobre para testar sua obediência; o traz de volta, indicando-o para atuar como prepósito, a fim de administrar com eficiência San Millán, e, por fim, em concórdia com o rei Garcia, o faz deslocar-se novamente, como forma de punição.

Contudo, após ter se deslocado por três vezes, mantendo-se submisso à autoridade do abade, Domingo recria a sua identidade de gênero e reverte as hierarquias monacal e real instituídas. Ele se recusa a manter-se em sua posição de subordinação ao abade e ao monarca e reivindica sua submissão a um novo senhor: ao Rei Supremo, o Criador, Deus.

É justamente esta nova postura de Domingo que explica certos desvios narrativos do texto. A preocupação do autor em distinguir rebeldia de pecado é para deixar evidente que a postura de insubordinação do Santo ao abade e ao rei não foi sinal de rebeldia. A opção pelo autoexílio é justificada pelo fato de que o seu comportamento não era reconhecido na comunidade de San Millán, assim como os judeus não reconheceram a Cristo. O seu último deslocamento, resultado de

¹⁴ LINAGE CONDE, Antonio. Notas sobre la implantación de la vida religiosa medieval en el territorio castellano-leonés. In: AAVV. El pasado histórico de Castilla y León. Congreso de Historia de Castilla y León, I, Valladolid, 1 a 4 de dezembro de 1982. *Actas...* Burgos: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 1983. 3v., V. 1: Edad Media, p. 263-274.



uma decisão pessoal, e comparado a uma fuga na VDci, é legitimado pelo fato de que Domingo era um bom pastor, mas que só em outro ambiente poderia efetivamente cuidar de suas ovelhas.

Mas os deslocamentos da VDci, em particular o seu autoexílio, não se vinculam somente às construções de gênero, às hierarquias e às assimetrias, mas também à política. A VDci foi elaborada na mesma conjuntura que La Rioja estava subordinada ao reino de Castela, como já destacado.¹⁵ Os protagonistas desta conquista foram os filhos dos personagens da VDci, Garcia de Nájera, também conhecido como Garcia Sanchez III, e Fernando I. Assim, é possível ver no embate entre Garcia e Domingo e seu refúgio na corte de Fernando I, registrado na VDci I, 5, uma postura anti navarra, que explicaria e legitimaria o domínio castelhano das regiões assinaladas.

Outro dado a destacar é o fato da VDci ter sido redigida em Silos, em um momento em que o cenóbio começava a ser favorecido por doações de reis e nobres castelhanos, como Sancho II, Afonso VI, Cid, Urraca, etc. Desta forma, a acolhida dada por Fernando I ao monge autoexilado também deve ser interpretada como uma forma de fortalecer as relações do cenóbio silense com a realeza castelhana em fins do século XI e início do seguinte. Um dado digno de nota é que não há registro de doações feitas pelo monarca Fernando I ao Mosteiro de Silos, mesmo que a VDci destaque a sua preocupação em reformar o referido mosteiro. Ou seja, o rei mencionado na hagiografia, mais do que um personagem particular, representa a dinastia castelhana que, no momento, voltava seus favores à comunidade silense.

Bibliografía

- DÍAZ Y DÍAZ, Cláudio Manoel. *Libros y librerías en la Rioja Alto Medieval*. 2 ed. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1991.
- ENOUT, João Evangelista. (Ed.). *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1992.
- LINAGE CONDE, Antonio. Notas sobre la implantación de la vida religiosa medieval en el territorio castellano-leonés. In: AAVV. Congreso de Historia de Castilla y León, I, Valladolid, 1 a 4 de dezembro de 1982. *Actas...* Burgos: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura, 1983. 3v., V. 1, p. 263-274.
- PÉREZ-EMBED WAMBA, Javier. *Hagiología y sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)*. Huelva: Universidad de Huelva, 2002.
- PÉREZ PASTOR, Cristóbal. Índice de los códices de San Millán de la Cogolla y San Pedro de Cardeña, existentes en la biblioteca de la Real Academia de La Historia. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, T. 54, p. 5-19, 1909.
- WHITEHALL, Walter Munir, PERÉZ DE URBEL, Justo. *Los manuscritos del real monastério de Santo Domingo de Silos*. Madrid: Tipografía de la Revista de Archivos, 1930.
- VALCARCEL, Vitalino (Ed.). *La "Vita Dominici Silensis" de Grimaldo*. Logroño: Servicio de Cultura de la Exma. Diputación Provincial, 1982.

¹⁵ Foi uma conquista efêmera, que durou de 1076 a 1109. Em fins do século XII esta região foi definitivamente subordinada a Castela.